

Alzheimer e Espiritismo: expiação de dívidas de vidas passadas?

Há algum tempo, um médium **muito conhecido** disse, em público, falando em Alzheimer e Espiritismo, que as doenças degenerativas são expiações de erros de vidas passadas...

Amigos, cuidado com as generalizações. Infelizmente, a maior parte dos Espíritas ativos, e falando em nome da Doutrina, não conhecem o Espiritismo em sua realidade.

Esquecemos que as atitudes **desta vida**, conscientes ou não, tem consequências **nesta vida**? Esquecemos que o consumo prolongado de certas substâncias, inclusive aquelas vendidas nas farmácias, provocam danos em nosso corpo?

Foi por conta dessas ideias que, quando minha avó morreu de câncer, **me revoltei contra Deus**, porque fiquei me perguntando como uma pessoa tão boa como ela poderia ter que “pagar” com algo tão ruim. Lastimável efeito dessas opiniões absurdas, superado, enfim, pelo estudo do Espiritismo em sua realidade.

De onde foi que tiramos essas ideias de que sofremos nesta vida para resgatar débitos, senão da ausência de um estudo profundo da ciência espírita?

Vejam: prova é **tudo** o que enfrentamos na vida e que nos permite o aprendizado. Já a **expiação** é a escolha consciente do Espírito que visa tentar se desapegar de uma imperfeição adquirida por sua própria vontade.

“8o) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação - em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem.” - KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno, Cap. VIII - As penas futuras segundo o Espiritismo. Editora FEAL

“Reparar” é reparar esse desvio, para aqueles que o tomam. Nem todos tomam esses desvios, mas continuaremos encarnando nos planetas relativos à nossa evolução espiritual, onde sofreremos as vicissitudes da matéria, cada vez

menores, conforme nos elevamos pelo aprendizado **colaborativo**.

[Não existe carma no Espiritismo.](#)

Um evangélico estudando o Espiritismo

Fico cada vez mais feliz em constatar que a quantidade de interesse pelo Espiritismo vem crescendo entre as religiões, e até entre o protestantismo evangélico. Hoje, venho contar de um evangélico estudando o Espiritismo.

O amigo, P..., com o qual tive o grato contato, conta que nasceu no meio protestante e nele cresceu. Contudo, conta que seu pai, desde sua infância, **o ensinou a não crer cegamente no que diziam os pastores**, recomendando que, **havendo dúvida, fosse buscar o que estava escrito na Bíblia**. Eis o princípio do Espiritismo, ensinado por um evangélico: a busca pela razão, em nada crendo cegamente. É sempre triste notar que, hoje, não se encontra esse princípio nem no próprio movimento espírita.

Vejam, amigos, o quanto é **imprescindível** transmitir os melhores valores às crianças. Eu dou também o meu exemplo, porque meu pai também me ensinou o mesmo, refletindo os ensinamentos de Kardec, puramente científicos. Mesmo tendo atravessado um período de descrença, porque o que eu outrora conhecia **não estava firmado sobre essa ciência que é o Espiritismo**, consegui reencontrar o caminho, e hoje estudo a Doutrina Espírita onde ela reside em toda sua confiabilidade: nas obras de Allan Kardec.

Religiosos estudavam o Espiritismo no passado

Quero destacar que Kardec, na Revista Espírita de janeiro de 1869, dá as seguintes estatísticas sobre os adeptos espíritas:

Em relação às ideias religiosas:

- **católicos romanos**, livres-pensadores, não ligados ao dogma, 50%;
- **católicos gregos**, 15%;
- judeus, 10%;
- **protestantes liberais**, 10%;
- católicos ligados aos dogmas, 10%;
- protestantes ortodoxos, 3%;
- muçulmanos, 2%.

São números muito interessantes, principalmente quando confrontados com a época atual, em que o Espiritismo, visto como religião (uma falsa ideia) encontra resistência e dificuldade para proliferar. Protestante, naquela época, é o evangélico de hoje.

Não é demais lembrar que **o Espiritismo é a ciência da própria Criação**, existindo entre todos e *provocando*, com seus fenômenos, até mesmo aqueles que o negam. Sendo, antes de tudo, uma ciência, pode ser estudado por todos, com grande proveito, e não foi senão por adulterações que deixou de ser assim.

Leia também: [Chega de rixas, chega de briga: é chegado o momento de colaborar!](#)

A importância do questionamento

Mas também é fato que muitos que chegam ao Espiritismo, entram pela porta das falsas ideias que reinam no movimento espírita moderno, que anda muito renitente em retomar Kardec, antes de tudo. Aqui, devo mais uma vez reconhecer a força de vontade de P..., nascido no meio evangélico, mas que nunca colocou de lado o raciocínio e, **tendo encontrado material que demonstra a ciência espírita**, prontamente encontrou nele algo que lhe atendesse às perquirições racionais.

É por isso que sempre destaco a importância de cada um fazer a sua parte, da melhor forma que puder. Mas, para fazer assim, solidificar o conhecimento na ciência é imprescindível. **Erra-se menos agindo dessa forma.**

Porto seguro

O porto seguro do Espiritismo está nas obras de Kardec, não por que ele tenha dado a última palavra, mas porque as palavras que deu nasceram do [método científico](#). Hoje, abandonado o método, existe uma infinidade de falsas ideias, muitas vezes contrárias aos princípios doutrinários, **nascidos do estudo metodológico de milhares de Espíritos, evocados ou de livre comunicação, por toda a parte.**

É necessário estudar e, desse estudo, solidificado, é necessário produzir. Façamos a nossa parte, pois existem muitos outros como P..., - protestantes, católicos, umbandistas, etc. - pelo mundo, aos quais apenas falta o contato com as ideias verdadeiras.

O inferno, segundo o Espiritismo

O Espiritismo demonstrou a impossibilidade da existência do Inferno, bem como do purgatório como um lugar após a morte. É lógico notar que, com isso, demonstra a impossibilidade das construções modernas de ideias como a do [umbral](#). Mas, ao mesmo tempo, demonstrou a existência desses dois últimos, não como um local fluídico, mas como um local material: os próprios planetas como a Terra e inferiores, onde, literalmente, se *purgam* as imperfeições adquiridas:

“É, portanto, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja pouco a pouco de suas imperfeições, em outras palavras, que ela se purga, até que esteja pura o bastante para merecer deixar os mundos de expiação e ir para mundos mais ditosos, de onde mais tarde parte para fruir da felicidade suprema ((No início de sua evolução, há imperfeições que são hábitos equivocados criados pelo apego, que resultam em orgulho e egoísmo. Essa responsabilidade pessoal, somente daqueles que escolherem esse caminho penoso, configura a condição de imperfeição e sofrimento morais que deverão ser superados pela expiação. Todavia, nos planetas primitivos, há as vicissitudes decorrentes da falta de inteligência para criar melhores condições de vida e conforto, quanto a

alimentação, moradia, saúde. Também falta oportunidade para todos progredirem, como educação, trabalho, família. Por isso, todos enfrentam provas, que são oportunidades para o progresso, individual e coletivo. São os planetas de expiação e provas. (N. do E.)).

O Purgatório não é mais, por conseguinte, uma ideia vaga e incerta, é uma **realidade material** que vemos, tocamos e sofremos. Ele está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos - nela os homens expiam o passado e o presente em proveito de seu futuro. Mas, ao contrário da ideia que se tem tradicionalmente do Purgatório, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua permanência aí, segundo o grau de adiantamento e pureza a que se chega pelo trabalho sobre si mesmo. Saímos desses mundos não porque tenha chegado a termo nosso tempo, ou pelo mérito de outros, mas em razão do nosso próprio mérito, segundo as palavras do Cristo: - A cada um, conforme suas obras -, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

...

O Espiritismo não veio, portanto, negar a penalidade futura - veio, ao contrário, confirmá-la. **O que ele destrói é o Inferno localizado**, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Não nega o Purgatório, porquanto prova que nele nos encontramos, definindo-o e detalhando-o, explicando a causa das misérias terrestres, conduzindo à crença, com isso, aqueles que o negavam.”

KARDEC, Allan. [O Céu e o Inferno - Editora FEAL](#)

Paul Broca e o Magnetismo

Pierre Paul Broca, o Dr. Broca, é reconhecido no meio médico por ser um grande contribuinte para a área. Criança-prodígio, foi um [grande cirurgião e antropólogo francês](#). Mas existe uma face de suas experiências absolutamente desconhecida, ligada ao Magnetismo de Mesmer (leia “Mesmer: a ciência negada do Magnetismo Animal”, de Paulo Henrique de Figueiredo), naquela época conhecido apenas por um de seus “filhos”: o hipnotismo.

Abordando as experiências de diversos cientistas e médicos renomados da época, Allan Kardec - ele mesmo - apresenta, na Revista Espírita de janeiro de 1860, o artigo "[o magnetismo perante a academia](#)", do qual destacamos as partes seguintes:

“O Sr. Azam, professor substituto de clínica cirúrgica da Escola de Medicina de Bordéus, tendo repetido com sucesso as experiências do Dr. Braid, trocou ideias com o Dr. Paul Broca, que imaginou que as pessoas hipnotizadas talvez fossem insensíveis à dor das operações cirúrgicas. A carta que acaba de dirigir à Academia de Ciências é o resumo de suas experiências a respeito.

“Antes de tudo, devia ele assegurar-se da realidade do hipnotismo, o que conseguiu sem dificuldades.

“Visitando uma senhora de uns quarenta anos, algo histérica, e que estava acamada por ligeira indisposição, o Dr. Broca fazia de conta que queria examinar os olhos da paciente e lhe pedia que olhasse fixamente um frasquinho dourado que ele segurava a uns quinze centímetros da raiz do nariz. Ao cabo de três minutos os olhos ficaram um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis, mas perfeitamente racionais. O Dr. Broca levantou o braço da doente e este se manteve na posição deixada; posicionou os dedos nas mais extremas situações e eles as conservaram; beliscou a pele em vários pontos, com certa força e, ao que parece, a paciente nada sentiu. Catalepsia, insensibilidade! O Dr. Broca não levou adiante a experiência, pois ela já lhe havia ensinado o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos e uma insuflação de ar frio na fronte trouxeram a doente ao estado normal. Ela não tinha a menor lembrança do que se havia passado.

“Restava saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das operações cirúrgicas.

“Entre os doentes do Hospital Necker, no serviço do Dr. Follin, estava uma pobre senhora de 24 anos, vítima de extensa queimadura nas costas e nos dois membros direitos e de um abscesso extremamente doloroso. Os menores movimentos lhe eram um suplício. Esgotada pelo sofrimento e, de resto, muito pusilânime, essa infeliz pensava com terror na operação que se fazia necessária. Foi nela que, de acordo com o Dr. Follin, o Dr. Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

“Puseram-na num leito em frente à janela, prevenindo-a que ia dormir. Ao cabo de

dois minutos suas pupilas se dilataram. Levantaram o braço esquerdo quase verticalmente acima do leito e ele ficou imóvel. No quarto minuto suas respostas são lentas e quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: o Dr. Follin belisca a pele do braço esquerdo e a doente não o acusa; nova picada mais funda, que produz sangue, e a mesma impassibilidade. Levantam o braço direito, que fica no ar. Então as cobertas são levantadas e os membros inferiores afastados, para deixar a descoberto a sede do abscesso. A doente consente e diz com tranquilidade que, sem dúvida, vão magoá-la. Aberto o abscesso, solta um grito fraco. Foi o único sinal de reação, e que durou menos de um segundo. Nem o menor tremor de músculos do rosto ou dos membros, nem uma agitação nos braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Os olhos um pouco injetados estavam largamente abertos e o rosto tinha a imobilidade de uma máscara...

“Levantado, o pé esquerdo fica suspenso. Tiram o objeto brilhante, uma luneta, e persiste a catalepsia. Pela terceira vez picam o braço esquerdo, o sangue borbulha e a operada nada sente. Há 13 minutos o braço guarda a posição que lhe foi dada.

“Enfim, uma fricção nos olhos e uma insuflação de ar fresco despertam a jovem senhora quase que subitamente. Relaxados, os braços e a perna esquerda tombam imediatamente sobre a cama. Ela esfrega os olhos, retoma a consciência, de nada se lembra e se admira de que a tenham operado. A experiência tinha durado de 18 a 20 minutos. O período de anestesia, de 12 a 15.

“Tais são, em resumo, os fatos essenciais relatados pelo Dr. Broca à Academia de Ciências. Já não são mais isolados. Um grande número de cirurgiões de nossos hospitais tiveram a honra de repeti-los, e o fizeram com sucesso. O objetivo do Dr. Broca e de seus ilustres colegas era, e deveria ser, cirúrgico. Esperemos que, como meio de provocar a insensibilidade, tenha o hipnotismo todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem lhes ter os inconvenientes. Mas a Medicina não é do nosso domínio e, para não sair de suas atribuições, nossa Revista não deve considerar o fato senão sob o ponto de vista fisiológico.

KARDEC, Allan. Revista Espírita de janeiro de 1861.

Maldição e Espiritismo

Este artigo visa abordar, muito sucintamente, o tema da maldição segundo o Espiritismo. Conhecimentos para isso podem ser colhidos à fartura na Revista Espírita e nas demais obras de Allan Kardec.

Se alguém te lançar uma maldição, existem 5 possibilidades:

1. Nenhum Espírito participa disso, mas você, sabendo da “maldição”, acredita nela e se auto sugestiona;
2. Participa um ou mais Espíritos maldosos, e você, sabendo da “maldição”, acredita, se auto sugestiona e se permite influenciar pelos Espíritos;
3. Você não faz a menor ideia da maldição, mas existem Espíritos maldosos envolvidos nela. Eles buscam te atingir pelos seus pensamentos, te atacando em possíveis imperfeições. Como a imperfeição nasce do apego, os pensamentos te agradam e você, não os combatendo (aos pensamentos) vai lentamente sendo obsediado.
4. Você não faz ideia da maldição, e não se permite ter maus pensamentos, apegos, etc. Nada acontece com você, senão, quem sabe, um incômodo passageiro.
5. Você sabe da maldição, existem ou não maus Espíritos envolvidos, mas você estudou o Espiritismo nas obras de Kardec, sabe como as coisas se passam e está sempre buscando se vigiar. Sabe, ademais, que quem pratica o mal está praticando para si mesmo. Você faz preces por aquelas pessoas e Espíritos, e eles, não encontrando em você a porta aberta, rapidamente desistem.

O Livro dos Espíritos dá o essencial

552. Que se deve pensar da crença no poder, que certas pessoas teriam, de enfeitiçar?

“Algumas pessoas dispõem de grande poder magnético, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundadas por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretendo poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os fatos que citam como prova da existência desse poder são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. *Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor da vontade dos Espíritos?*

“O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé. No caso contrário, são velhacos que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera ilusão. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

O Livro dos Espíritos

Conclusão

Tire de cenário a ideia de que a maldição seja a transferência de más energias. É necessário estudar o Espiritismo, **nas obras de Kardec**. Os fluidos espirituais tem seu papel, é claro, mas eles dependem de sintonia. Tire da cabeça, também, a ideia de “maldições hereditárias”, porque a herança é da carne, mas fica claro que o papel, aqui, é espiritual. Você só “herdaria” uma “maldição” se os Espíritos encontrarem, em você, motivo e aceitação para continuar te aborrecendo também.

E, é claro, não acredite em fórmulas mágicas, rituais ou objetos materiais quaisquer para solucionar o caso, pois nada disso tem poder sobre os Espíritos, como já foi demonstrado [neste artigo](#). Para “reverter” uma maldição, é necessário agir sobre a moral, isto é, compreender, se analisar e procurar se modificar naquilo que te afaste do bem.

Estude a Revista Espírita (1858-1869)

Foto de capa: Fariborz MP:

Walewska: reflexões sob a ótica do Espiritismo

Uma das maiores atletas brasileiras, Walewska Oliveira (e não Valeska, Valesca, Walesca, Waleska, etc.) faleceu na noite do dia 21/09/23, em São Paulo. O motivo da morte foi uma queda fatal — provável suicídio — do 17º andar do prédio em que morava com seu marido, Ricardo Alexandre Mendes. O boletim de ocorrência policial registrou o incidente como queda, e também registrou a existência de um papel onde, possivelmente, teria ela registrado uma **carta de despedida**. Nas câmeras do edifício, ficaram registrados os momentos em que a atleta se encaminha a essa área, portando uma garrafa de vinho e uma pasta. Ainda não se conhecem os detalhes do caso, mas o assunto, justamente neste mês, marcado pela campanha **Setembro Amarelo**, destinada à prevenção do suicídio (omitimos a palavra para evitar problemas com os mecanismos de buscas) suscita uma reflexão sob a ótica do Espiritismo, naquilo que em verdade ela diz.

Antes de mais nada, devo dizer que acho lamentável qualquer opinião que busque julgar atitudes como essa (supondo que isso tenha acontecido) classificando-as como egoístas, “falta de Deus”, covardia, etc.

Desejamos aos familiares, aos amigos e ao marido de Walewska muita força para passarem por algo tão difícil e que, se forem buscar respostas, possam encontrá-las nos lugares corretos. Além disso, desejamos que nenhum suposto espírita venha, inadvertidamente, trazer supostas comunicações, cartas psicografadas, expondo-as ao público sem raciocinar sobre elas. Sentimos, que, se o que supomos, foi o que aconteceu, não tenha tido ela a oportunidade de conhecer uma filosofia que dá a certeza do futuro e a capacidade de enfrentar as dores da vida sob outro olhar.

Doutrina Espírita e Movimento Espírita

Não custa lembrar que a Doutrina Espírita, como ela realmente é, é uma ciência, formada por estudos metodológicos e sérios, coordenados por Allan Kardec, analisando comunicações, evocações e fenômenos por toda a parte do mundo. Sua principal característica, como ciência, é que qualquer princípio doutrinário deverá nascer do método científico, coisa que foi abandonada a partir do final do século XIX.

Em contrário às evocações e comunicações espontâneas, naquele tempo submetidas ao duplo critério da concordância e da razão, hoje o Movimento Espírita em geral acredita cegamente em praticamente dizem médiuns e Espíritos, esquecendo-se ou desconhecendo que são apenas opiniões que deveriam passar pelo critério citado. Outras vezes, generalizam situações individuais, justamente pela falta de conhecimento. Criam-se, assim, as diversas narrativas que, se não são apenas absurdas, por vezes ofendem o raciocínio e mesmo desrespeitam indivíduos em suas diversas condições.

O Vale dos Suicidas

Podemos citar, dentre elas, e no aspecto aqui tratado, a ideia de que todo suicida irá para o “Vale dos Suicidas”, onde, segundo essa ideia, ficará sofrendo até que aceite o “resgate” de um Espírito que, muitos dizem, seria a própria Virgem Maria. Outros dizem que aquele que pratica esse ato renascerá em corpos mutilados pela culpa, onde deverão resgatar o crime realizado. Não passam, respectivamente, das falsas ideias oriundas de religiões que ensinam a queda pelo pecado.

Me pergunto: será que as pessoas que assim dizem tais coisas não se colocam no lugar de quem as ouve? Não raciocinam? Como se sentiria uma mãe, cujo filho nasceu com certas características físicas, ao ouvir a ideia de que a razão daquilo se deveria ao fato de ele ter cometido crimes, senão contra outros, contra si e contra Deus? Muitas não se ofenderiam? Outras tantas poderiam passar a vê-los com estigmas, talvez? Pior: o que pensariam as próprias pessoas que nasceram com tais características? O fato é que muitos abandonam o Espiritismo por culpa do Movimento Espírita que, em plena era da informação, é renitente em reconhecer a necessidade de voltar a Kardec, não por fundamentalismo, mas por

buscar fundamentos científicos.

Já chegamos a ouvir afirmarem, dentro de um Centro Espírita, pela boca de pessoas envolvidas nos trabalhos da instituição, e até mesmo de palestrantes, que o motivo de a pessoa ter nascido cega seria porque ela usou sua visão, na vida passada, para o mau. Quantos absurdos, quantos disparates, que somente fazem esvaziar os bancos do Movimento Espírita, **transformado em religião**.

O Espiritismo de verdade

Mas, graças aos estudos metodológicos de Kardec, nós podemos demonstrar facilmente a falsidade na generalização dessas ideias. Bastaria, a todo adepto espírita, ler o primeiro ano da Revista Espírita (1858), para verificar que as situações dos Espíritos de pessoas que cometeram esses atos não são únicas, justamente porque não podemos traçar um “código penal da vida futura”, ideia introduzida na [adulteração de O Céu e o Inferno](#), em sua quarta edição, lançada após a morte de Kardec, sobre a qual todas as edições conhecidas até há pouco tempo foram baseadas (refira-se à [edição da Editora FEAL](#) para ter acesso ao conteúdo original e intocado).

Constatariam, com esse estudo, que o futuro do Espírito depende de sua psicologia, de seu conhecimento, de suas ideias. Que o ato extremo, muitas vezes é tomado em estado de desvario, de loucura, de irreflexão, de incapacidade de lidar com emoções não vigiadas. O artigo “[Suicídio por amor](#)”, de Revista de setembro de 1858, demonstra isso. Já o artigo “[O suicida da Samaritana](#)”, de junho do mesmo ano, demonstra outro caso, onde o Espírito, em um estado profundo de perturbação, acredita, por um estado de sofrimento moral, estar ligado ainda ao seu corpo.

Fatos

Um fato é inegável: o remorso e o arrependimento serão estados que todos os Espíritos encontrarão, depois, quando perceberem que tomaram tal atitude por uma incapacidade de lidar com a dor, com as emoções (naquela época conhecidas como paixões), com os arrependimentos, com os desgostos, etc. Infelizmente, tudo gerado por uma incapacidade de ver a vida sob outro ângulo, ângulo esse muito amplo, lógico, claro, que o Espiritismo dá, em sua originalidade. Não tenta

impor o medo do castigo, mas demonstra os fatos, as consequências e dá ao indivíduo o vislumbre do futuro, onde apegos desviam para o mal e para o sofrimento, mas que o caminho de retorno ao bem estará sempre aberto, a partir do momento em que este compreender os motivos do seu sofrimento e, por vontade e esforços próprios, decidir enfrentar as raízes dos seus erros.

Veja: no caso apresentado na Revista de setembro de 1858, o rapaz apenas praticou um ato impensado. Ele afirma que nem pensava naquilo, mas que foi tomado de uma “vertigem”, isto é, uma emoção tão forte, com a qual não soube lidar. Em Espírito, compreendeu a tolice (motivo pelo qual todos, sem exceção, ficarão algum tempo com a cena fatídica repetindo-se em suas mentes) e compreendeu a necessidade de corrigir-se no futuro, para não mais cometer esse tipo de problema. Quem sabe, de acordo com sua capacidade de compreensão, escolherá uma vida que lhe dará, desde cedo, a fibra para lidar com essas emoções?

Resta dizer que as cenas que alguns Espíritos sofredores transmitem nas comunicações, como vales tenebrosos ou mesmo a ideia do “[Umbral](#)”, nascem de suas próprias mentes. Quiçá, possam materializá-las em escala, em uma espécie de sofrimento sintonizado, mas que não são por isso menos passageiras e que, definitivamente, não representam a condição genérica do Espírito sofredor após a morte (leia a Revista Espírita e verá).

A obsessão

Temos mais um aspecto a abordar: a questão da obsessão. A ciência dos Espíritos, tratada seriamente, foi enfática em demonstrar que os indivíduos, por vezes, cometem tais atos em estado de loucura, fora de si. Muitas vezes, mas nem sempre, esse estado tem a influência determinante de um Espírito obsessor.

Um artigo que demonstra isso é “[O Espírito e o jurado](#)”, de novembro de 1859. Nele, fica evidente que o papel de um Espírito obsessor, **quando encontra caminhos nas próprias ideias do indivíduo**, pode influenciá-lo lentamente. Este, aceitando essa influência, que lhe agrada, mesmo sem saber que o faz, vai lentamente se deixando sintonizar com o Espírito obsessor, como uma marionete cujos fios, lentamente, fossem sendo ligados às mãos de seu mestre. Em certo ponto, o indivíduo passa a responder cegamente, chegando ao estado de

possessão, conforme abordado por Kardec em A Gênese (refira-se à edição da editora FEAL).

Daí, nasce uma espécie de culpa compartilhada, da qual cada um será seu próprio juiz. Aquele que se deixou influenciar, quando compreender, buscará criar a força para não mais se permitir a isso. O que influenciou, um dia, entenderá o mal que faz a si próprio, desviando-se do bem, e buscará condições de reparação de seu desvio.

Palavras finais

Há muito a recuperar no que tange aos princípios científicos do Espiritismo. Disso depende sua retomada, sua restauração, livre de dogmas e falsas ideias **diariamente** divulgadas e ensinadas nos centros espíritas, nas tribunas e, agora, na Internet, onde encontram uma lastimável facilidade de propagação. Precisamos utilizar essa facilidade em favor do bem e da restauração das ideias verdadeiras, não atacando os outros, como muitos ainda perdem o tempo fazendo, mas recuperando a verdade e as divulgando, em verdadeiro trabalho de formiguinha, onde cada um precisa carregar os seus grãos. Tome sua iniciativa. Esqueça, de momento, os romances. Estude o Espiritismo onde ele realmente existe como doutrina científica.

Já sabemos o essencial; há razão em se dedicar?

Muitos de nós, e eu me coloco entre esses, em certos momentos se perguntam, sobre o Espiritismo: “parece que já entendi o essencial. Qual o sentido de continuar estudando? Ninguém mais parece querer saber sobre isso.”

Minha sugestão é que, sempre que nos encontrarmos com falta de respostas, evoquemos os bons Espíritos, pela disposição interna do próprio pensamento. A resposta, de uma forma ou de outra, não tardará a surgir.

Não me considero médium, propriamente dito, mas tenho, como todo Espírito encarnado tem, a capacidade intuitiva. Eis que hoje, sem esperar, me veio ao pensamento: Revista Espírita, agosto de 1865. Deixo a vocês essa maravilhosa reflexão do próprio Kardec:

O que ensina o Espiritismo

“Há criaturas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Pelo fato de ele não ter dotado o mundo com uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que ele nada produziu. A maior parte dos que fazem tal pergunta, não se tendo dado ao trabalho de estudá-lo, só conhecem o Espiritismo de fantasia, criado para as necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério. Não é, pois, de admirar que perguntem qual pode ser o seu lado útil e prático. Teriam tido que buscá-lo em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram os que só têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de ideias, alguns acham, ao contrário, a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se que ele não tenha ainda sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta. Como ele ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina e de algumas outras do mesmo porte, concluem que não saiu do á-bê-cê; que ainda não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta nos lugares-comuns, porque prega incessantemente a humildade e a caridade. Dizem eles: “Até hoje ele nada de novo nos ensinou, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através dos períodos da vitalidade intelectual, o perispírito, não são descobertas espíritas propriamente ditas; então é preciso caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas.”

A tal respeito julgamos que devemos apresentar algumas observações, que também não serão novidades, mas há coisas que devem ser repetidas sob diversas formas.

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isso, pois não há

verdadeiras verdades senão aquelas que são eternas e que, por isto mesmo, devem ter germinado em todas as épocas. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, senão do nada, ao menos do esquecimento; de um germe ter feito uma planta vivaz; de uma ideia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada pelos preconceitos, ter feito uma crença geral; ter provado o que estava em estado de hipótese; ter demonstrado a existência de uma lei no que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma ideia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: “Não há nada de novo sob o sol”, e até mesmo essa verdade não é nova. Assim, não há uma descoberta da qual não se encontrem vestígios e o princípio em algum lugar. Por conta disto, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. Era uma coisa tão simples, entretanto, era preciso encontrá-la. A história do ovo de Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo ainda tem muito a nos ensinar. É o que não temos cessado de repetir, pois jamais pretendemos que ele tenha dito a última palavra. No entanto, considerando-se que ainda há o que fazer, segue-se que ele não tenha ainda saído do á-bê-cê? Seu á-bê-cê foram as mesas girantes, e a partir de então, ao que nos parece, ele tem dado alguns passos; parece-nos mesmo que tais passos foram grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências que levaram séculos para chegar ao ponto em que estão. Nenhuma chegou ao apogeu num primeiro impulso; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias as põem no caminho de novas descobertas. Ora, ninguém tem o poder de comandar essas circunstâncias, e a prova é que todas as vezes que uma ideia é prematura, ela aborta, para reaparecer mais tarde, em tempo oportuno.

Mas em falta de novas descobertas, os homens de ciência nada terão que fazer? A Química não será mais a Química se diariamente não descobrir novos corpos? Os astrônomos serão condenados a cruzar os braços por não encontrarem novos planetas? E assim em todos os outros ramos das Ciências e da indústria. Antes de procurar coisas novas, não se tem que fazer aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens tempo de assimilar, aplicar e vulgarizar o que sabem, que a Providência põe em compasso de espera a marcha para a frente. Aí está a História para nos mostrar que as Ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, pelo menos ostensivamente. Os

grandes movimentos que revolucionam uma ideia só se operam em intervalos mais ou menos distanciados. Não há, portanto, estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que sempre é progresso.

Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas ideias? A própria Terra não necessita de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para se exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de aplicá-las? Então Deus seria menos providente e menos hábil que um professor?

Em todas as coisas, as ideias novas devem encaixar-se nas ideias adquiridas. Se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, aquelas que aí quisermos implantar não criarão raízes. Estaremos semeando no vazio.

Dá-se o mesmo em relação ao Espiritismo. Os adeptos de tal modo aproveitaram o que ele até hoje ensinou, que nada mais tenham a fazer? São de tal modo caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados, benevolentes para os seus semelhantes; moderaram tanto as suas paixões, abjuraram o ódio, a inveja e o ciúme; enfim são tão perfeitos que de agora em diante seja supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, numa palavra, a moral? Essa pretensão, por si só, provaria quanto ainda necessitam dessas lições elementares, que alguns consideram fastidiosas e pueris. É, entretanto, somente com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo tem como objetivo a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, daí resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um. Os mistérios que ele nos pode revelar são o acessório. Porque ele nos abriu o santuário de todos os conhecimentos, não estaríamos mais adiantados para o nosso estado futuro, se não fôssemos melhores. Para admitir-nos ao banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos nem o que possuímos, mas o que valem e o bem que fizemos. É, pois, no seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar, antes de tudo. Só aquele que dominou suas más inclinações realmente tirou proveito do

Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: Não preciso de mais nada. Só Deus sabe quando elas serão inúteis e só a ele cabe dirigir o ensino de seus mensageiros e de adequá-lo ao nosso adiantamento.

Vejamos, entretanto, se fora do ensinamento puramente moral os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

1.º – Inicialmente ele dá, como sabem todos, a prova cabal da existência e da imortalidade da alma. É verdade que não é uma descoberta, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria, que ele triunfa sobre o materialismo e evita as funestas consequências deste sobre a Sociedade. Tendo transformado em certeza a dúvida sobre o futuro, é toda uma revolução nas ideias, cujas consequências são incalculáveis. Se a isto se limitassem os resultados das manifestações, esses resultados seriam imensos.

2.º – Pela firme crença que desenvolve, ele exerce uma ação poderosa sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e o desvia do pensamento do suicídio.

3.º – Retifica todas as ideias falsas que se tivessem feito do futuro da alma, do Céu, do inferno, das penas e das recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, desvela-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa de muito valor.

4.º – Dá a conhecer o que se passa no momento da morte. Esse fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas. Ora, como todo mundo morre, tal conhecimento interessa a todo mundo.

5.º – Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à Filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que se assentavam apenas na teoria. Enfim, lança luz sobre as questões mais árduas

da Metafísica, da Psicologia e da Moral.

6.º – Pela teoria dos fluidos perispirituais, dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7.º – Provando as relações existentes entre os mundos corporal e espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente, e revela a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais que alimentaram a maioria das ideias supersticiosas.

8.º – Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, de numerosas afecções sobre as quais a Ciência se havia equivocado em detrimento dos doentes, e dá os meios de curá-los.

9.º – Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10.º – Dando a conhecer a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre ao magnetismo um novo caminho e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre anteriormente conhecido, mas na aplicação desse princípio. A reencarnação, sem dúvida, não é uma ideia nova, tanto quanto o perispírito, descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de haver descoberto a Natureza, procura cuidadosamente todos os traços que pode encontrar, da anterioridade de suas ideias, e quando os encontra, apressa-se em proclamá-los, como prova em apoio ao que propõe. Aqueles, pois, que invocam essa anterioridade visando depreciar o que ele faz, vão contra o seu objetivo, e agem incorretamente, pois isto poderia levantar a suspeita de uma ideia preconcebida.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertence, pois, ao Espiritismo. É coisa sabida. Mas, até o aparecimento dele, que proveito a

Ciência, a Moral, a Religião haviam tirado desses dois princípios, ignorados pelas massas, e mantidos em estado de letra morta? Ele não só os pôs à luz, os provou e fez reconhecer como leis da Natureza, mas os desenvolveu e faz frutificar; deles já fez saírem numerosos e fecundos resultados, sem os quais não se poderia compreender uma infinidade de coisas; diariamente nos leva a compreendermos coisas novas, e estamos longe de esgotar essa mina. Levando-se em conta que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram tanto tempo improdutivos? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos, que deviam ser lapidados: é o que fez o Espiritismo. Ele abriu um novo caminho à Filosofia, ou melhor, criou uma nova Filosofia que diariamente conquista seu lugar no mundo. Então, estes são resultados de tal modo nulos que devemos acelerar a caminhada em busca de descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de escol, e conservadas, em sua maioria, como que em estado latente, uma vez que foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram, tornam-se uma mina fecunda, de onde saíram inúmeros princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à exploração, novos horizontes às Ciências, à Filosofia, à Moral, à Religião e à economia social.

Tais são, até hoje, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não temos feito mais do que indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem limitar-se a isto, já nos poderíamos dar por satisfeitos, e dizer que uma ciência nova, que dá tais resultados em menos de dez anos, não é acusada de nulidade, porque toca em todas as questões vitais da Humanidade e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não se pode desdenhar. Até que apenas esses pontos tenham recebido todas as aplicações que lhes são susceptíveis, e que os homens os tenham aproveitado, ainda se passará muito tempo, e os espíritas que quiserem pô-los em prática para si próprios e para o bem de todos, não ficarão desocupados.

Esses pontos são outros tantos focos de onde irradiarão inumeráveis verdades secundárias que se trata de desenvolver e aplicar, o que se faz diariamente, porque diariamente se revelam fatos que levantam uma nova ponta do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício. Cabe agora a seus adeptos pôr em prática esse material, antes

de pedir materiais novos. Deus saberá bem lhos fornecer, quando tiverem completado sua tarefa.

Dizem que os espíritas só sabem o á-bê-cê do Espiritismo. Que seja. Para começar, então, aprendamos a soletrar esse alfabeto, o que não é problema de um dia, porque, mesmo reduzido tão somente a essas proporções, passará muito tempo antes que tenhamos esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não têm que ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram eles a semente em toda parte onde poderiam fazê-lo? Não resta mais incrédulos a converter, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Temos razões para dizer que não há mais nada a fazer quando ainda não terminamos a tarefa, quando ainda restam tantas chagas a fechar? Aí estão nobres ocupações que vale a pena conhecer melhor e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos para voar sobre ela que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não termos a sorte de Ícaro.

“Espírito sente fome?” ou, “como afastar do estudo o estudante honesto”

Espírito sente fome, mas, calma!

Ao contrário do que muitos afirmam taxativamente (e muitas vezes de forma bastante áspera, melhor fórmula para afastar do estudo as pessoas que vêm do movimento espírita como o conhecemos), o Espírito apegado à matéria poderá

sofrer de todas as vicissitudes da matéria, quando muito apegado a ela. Poderá sofrer de fome, de frio, de calor, de medo, etc. Claro: é um sofrimento que se origina nele, em si, isto é, é um sofrimento de origem moral, mas que, para ele, *até que entenda*, tem todas as características de um sofrimento **material**.

Quem diz isso é Kardec e os Espíritos, não eu:

“A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós, que têm um corpo fluídico, é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrena com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas assim é, e a observação nos ensina que essa é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e eles têm todas as angústias de uma necessidade impossível de saciar. O suplício mitológico de Tântalo, entre os Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato do que entre os modernos. Muito diferente é a posição daqueles que desde esta vida se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro, e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como um prisioneiro livre de suas cadeias. Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim, e nós acreditamos sob palavra? Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados. Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Aqueles que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se destacarem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não. É uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. “

[RE, junho, 1868]

As comunicações que indicaram tais tipos de sofrimentos são as mais diversas, frequentemente apresentadas na Revista Espírita e nas outras obras. Algumas delas:

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte?

*- R. É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: “Estou vivo!” e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; **sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar**; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado*

[RE, agosto, 1862]

[...] Quanto aos Espíritos inferiores, estão ainda completamente impregnados de fluidos terrenos; portanto, são materiais, como podeis compreender. Por isso sofrem fome, frio, etc., sofrimentos que não podem atingir os Espíritos superiores, visto que os fluidos terrenos já foram depurados no seu pensamento, quer dizer, na sua alma

[LAMENNAIS, OLM, 1861]

[...] não há um único [Espírito] cuja matéria não tenha que lutar com o Espírito que se reencontra. O duelo teve lugar, a carne foi dilacerada, o Espírito obscureceu-se no instante da separação, e na erraticidade o Espírito reconheceu a verdadeira vida. Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se crêem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles vêem, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele

[Santo Agostinho, RE, 1864]

*“É um suplício para o orgulhoso ver-se relegado às últimas posições, enquanto acima dele, cobertos de glória e de festas, estão aqueles que ele desprezou na Terra. Para o hipócrita, ver-se penetrado pela luz que põe a nu seus mais secretos pensamentos que todos podem ler, sem nenhum meio para se esconder e dissimular. Para o sensual, **ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los**. Para o avaro, ver seu ouro dilapidado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo o que outros sofreram por ele: terá sede e ninguém lhe dará de beber, terá fome e ninguém lhe dará de comer.”*

[Kardec, OCI, 1865]

O Espírito pode sentir uma fome maior do que a nossa, **por conta de um sofrimento moral**, isso é claro, devido ao apego material. Por esse apego, se verá em corpo, e não em Espírito. Materializará todas as sensações. Poderá até mesmo tentar ingerir um “alimento”, criado pela sua própria mente, e esse alimento poderá ter todas as características de um alimento material... Mas que, contudo, não o saciará, posto que, de fato, o Espírito não tem um estômago real, nem qualquer outro órgão. Não depende da alimentação para sobreviver. Assim, ficará nesse estado por um tempo maior ou menor, que para ele parecerá eterno, enquanto se mantiver voluntariamente nesse estado mental — ao que, muitas vezes, a reencarnação compulsória, como ato da misericórdia divina, atendendo à sua incapacidade de escolha, o vem furtar. Há uma forma de agir, se espalhando entre o movimento espírita estudioso, que é tão danosa quanto àquela dos espíritas que acreditam em tudo: é o de negar a tudo e a tudo refutar duramente. É a isso que tenho tentado chamar a atenção. Muitos tendem, mesmo, a atacar indivíduos e a rechaçar ideias com pedras nas mãos, como se fossem todas ridículas, sem compreender as nuances do mundo espiritual e se fazendo doutores em assuntos dos quais somos apenas aprendizes, aprendendo a balbuciar as primeiras letras do alfabeto. Já estive entre eles, e hoje compreendo meu erro.

Talvez, guiados por uma animosidade irresoluta e quase raivosa quanto a certas afirmativas frequentemente vistas no meio espírita em geral, e crendo-se senhores das luzes espirituais, muitos recebem questionamentos como esses — “Espíritos sentem fome” — com o mesmo grau de animosidade. Ao invés de esclarecer, afastam o indivíduo, que se sente humilhado por ter perguntado sobre

algo que, talvez, tenha visto o próprio Kardec afirmar.

Não foi à toa (nunca é à toa que um Espírito, de qualquer elevação, agindo com honestidade, faz qualquer tipo de afirmação) que São Luís disse, na RE de 1866:

*Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, **também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio**, porque toda crença sincera é respeitável.*

Amigos, Espiritismo é ciência, e tem duas partes: a parte dos Espíritos, que é de conhecimento maior ou menor deles e que conhecemos por suas manifestações, e a a parte dos homens, que é puramente teórica, ainda que absolutamente racional e lógica (e o que não faz dela menos “ciência”). Teorias se aproximam mais ou menos da verdade e, de nossa parte, nos cabe a **investigação**, e não a tola mania a tudo afirmar ou negar. Kardec, esse sim, foi o cientista extremamente brilhante que entendeu esse princípio, o que o fez, ao invés de descartar, **investigar** as afirmações aparentemente mais absurdas vindas dos Espíritos, quando, é lógico, identificava nela honestidade, e não o claro propósito de mistificar.

Portanto, aos questionamentos “Espírito sente fome? Sente frio? Sono? Constrói casas?”, a resposta é: **depende de sua elevação**. Pode sentir ou fazer tudo isso, mas, tenha certeza, não tem necessidade nenhuma, sofre e perde tempo quando se encontra nesse estado, por apego à matéria.

Obrigações do Espiritismo

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Então, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave in consequência, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

(Revista Espírita, Paris, abril de 1866 – Médiun: Sra. B...)

*[grifos nossos; **leia até o fim**]*

Essas obrigações são de duas ordens.

A primeira concerne o indivíduo que, ajudado pelas **claridades intelectuais que a doutrina espalha**, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, melhor sondar todos os refolhos de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador mas que ele se converta e viva*, e que para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, lhe deu a longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando o peso de suas faltas passadas, ele pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça e à caridade. **Que dizer daquele que, assim esclarecido sobre os seus deveres para com Deus, para com os irmãos, permanece orgulhoso, cúpido, egoísta?** Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, embora esteja em meio à luz. **Ele só é espírita de nome.** A caridade fraterna dos que veem realmente, deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual. Mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será necessária a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito ligado aos prazeres materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação compreenderão que os planetas inferiores, como a Terra, não passam de uma espécie de **escola mútua**, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida aplicá-las ao estudo dos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia que regem as relações das almas entre si e as funções que elas desempenham na direção do Universo. Eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia; das ignóbeis tentações da avareza que subtrai a alguns filhos de Deus o gozo dos bens que ele deu para todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da humanidade, porquanto ele engendra todos os males que fazem da Terra um lugar de dores e expiações. Instruído pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido ralado pela dor, se tornará bom e caridoso. É assim que aquilo que nos parece um mal, por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por essa luz interior que podemos chamar de batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos do seu coração e o emprego de suas faculdades, para dirigi-los conforme as leis da justiça e da fraternidade. **Eles**

compreenderão que não são apenas obrigados, eles próprios, a se melhorarem, cálculo egoísta que impede o atingimento do objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem das obrigações do espírita, que decorre necessariamente da primeira e a completa, é a do exemplo, que é o melhor meio de propagação e renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e que devem, se a eles conformar a sua conduta, proporcionar-lhe uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado dessa caridade fraterna que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com a sua crença e de ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas oriundas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta radiação quanto a do Verbo de Deus encarnado na Terra, **mas cada um, na vossa esfera de ação, pode espalhar os benefícios do bom exemplo.** Podeis fazer com que a virtude seja amada, cercando-a do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil; que gera a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer, por intermédio do seu Cristo: *Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que por ela todos progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar-vos o que vos parecia obscuro e vos ensinar toda a verdade. **Ele vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias consequências de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos, porque nenhuma emanção fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma impressão em algum lugar.** O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *Balança da Justiça divina* não é senão uma figura que revela cada um dos vossos atos, cada um dos vossos sentimentos. É, de certo modo, o peso que sobrecarrega a vossa

alma e a impede de elevar-se, ou que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro. Ele espalha em seu redor uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de radiação é tanto maior quanto mais humilde for, e conseqüentemente mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações impostas pelo Espiritismo são, portanto, de uma natureza essencialmente moral, porque são uma consequência da crença; **cada um é juiz e parte em sua própria causa**; mas as claridades intelectuais que ele traz a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em seu melhoramento são tais que amedrontam os pusilânimes, e é por isso que ele é rejeitado por tantas pessoas. **Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade com as exigências da Sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório.** É muito difícil para a vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, nada obstante, lá chegareis, porque as obrigações impostas à consciência, quando suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta exame. **Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença sincera é respeitável.** Se vossa vida for um belo modelo em que cada um possa achar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis compreendido, pelo menos em parte, a que obriga o Espiritismo.

LUÍS DE FRANÇA (São Luís)

=====

O problema da atual ideia da “reforma íntima” não é uma questão de palavras, mas isso ter se tornado ponto central, como se a missão do indivíduo fosse se melhorar, **somente**. A cada dia, está demonstrado que o verdadeiro espírita, porque entendeu a luz que se lhe abriu ante os horizontes espirituais, se melhora

de forma humilde, auxiliando o seu próximo com a mesma humildade, não lhe fustigando a consciência a golpes de murros e facas. A verdadeira face do bem é a cooperação, e não a disputa. O mais elevado, serve.

Luís inicia o texto afirmando: o Espiritismo é uma ciência e, como tal, espalha claridades intelectuais. O Espiritismo serve ao conhecimento, que é peça necessária para o progresso do indivíduo. Mas não basta isso: é necessário o exemplo, e disso temos várias provas na humanidade, sendo o Cristo a mais expressiva delas. Ele, que veio lavar nossos pés, demonstrou: o mais elevado, serve, dando de si mesmo o exemplo abnegado.

Ao final, Luís destaca: se somos mais instruídos, é graças às “luzes do alto”, não porque não nos cabe o esforço pessoal, mas porque, sem a cooperação caridosa daquele que está mais alto, não aprenderíamos! Aliás, aquele que entra na falsa ideia e se isola pelo egoísmo e pelo orgulho, sai da possibilidade desse aprendizado, por algum tempo. Essa é a face mais verdadeira possível da Criação, conforme o Espiritismo demonstra! A disputa, a ideia de que o mundo seja dos mais espertos, o egoísmo, o orgulho, enfim, são todas falsas concepções, ligadas às falsas ideias humanas, que conduzem o ser aos abismos que os aprisionam e dos quais cabe apenas dele o esforço em escapar. Em absoluto, são ideias que **não representam** a verdade sobre a Criação ou as relações como Espíritos!

Essa é uma comunicação que deve ser lida, relida, discutida e, quem sabe, colocada à cabeceira.

A questão das escolhas

A vida é feita de escolhas. Às vezes, são escolhas lúcidas, isto é, sabemos bem que algo é correto ou não; outras vezes, são escolhas “ignorantes”, isto é, não conhecemos o suficiente para supor os resultados. Destas, podemos colher erros ou acertos e, no caso de erro, não existe “pecado”, pois o erro faz parte da evolução. Desde que não se apegue a ele, “está tudo certo”. Basta seguir em frente e não repetir o erro. Não há condenação, nem houve propósito de mal.

A grande questão é quando a escolha por aquilo que é errado se dá de forma mais consciente — e aqui não considero uma plena consciência, porque, se ela existisse, não se faria a má escolha. O indivíduo, dotado de consciência e de inteligência, age em favor do apego àquilo que é errado ou que traz maus frutos. Sim, age envolto numa confusão de ideias, que nasceram em primeiro lugar do seu ímpeto de se satisfazer em algum aspecto — daí a assertividade em dizer que o egoísmo e o orgulho são as mães de todas as demais imperfeições — e, muitas vezes, nem pensa em fazer o mal, mas sim em satisfazer seus próprios desejos ou [falsas] necessidades. Esse é o ponto problemático das más escolhas, onde o próprio indivíduo se condena a um turbilhão de maus efeitos em que a causa é ele mesmo e ninguém mais, e onde se afasta do Bem, que é o caminho, para tomar um desvio que duras penas lhe custarão para retomar, pois requer o exercício do desapego.

Dito isto, muitos se perguntarão: em ambos os casos, mas especialmente no segundo, então, como errar menos? Como julgar melhor nossas próprias ações? Como evitar o erro pontual e como exercitar o desapego antes que certo hábito se torne uma terrível imperfeição?

Resumidamente, a resposta é uma pergunta retórica: por que você acha que os próprios Espíritos dos indivíduos antes encarnados — Espíritos sábios e Espíritos ignorantes; Espíritos bondosos e Espíritos maldosos; Espíritos felizes e Espíritos sofredores — dedicaram seu tempo para nos contar de suas próprias aventuras? Por que você acha que um indivíduo de ciências, dedicado filósofo da educação e conhecedor de tantas outras ciências, tendo vislumbrado algo nessas comunicações, dedicou, à exaustão, cerca de 14 anos de sua vida, de suas finanças, de suas alegrias, e de sua saúde em estudar e disseminar esse conhecimento, que formou o que conhecemos por Espiritismo ou Doutrina Espírita? POR QUÊ?

Quando a criança vê seu irmão sofrer uma queimadura por colocar a mão em brasa quente, muito provavelmente pensará duas vezes antes de fazer o mesmo. Imagine o que pode fazer um adulto, pleno de suas capacidades cerebrais, como esse conhecimento?! É, ainda assim, quantas pessoas, passando por anos e anos de sofrimentos tolamente cultivados, ESCOLHEM manter essas obras fechadas nas estantes, esquecidas em seus locais virtuais?

A passagem de Zaqueu, que, ao ver Jesus passar por sua porta, subiu em uma

árvore para tentar vê-lo, sem se deixar ver interessado pelos cidadãos da cidade, pode ser a nossa mesma: basta ter interesse. A diferença é que nós não temos a necessidade de nos esconder de ninguém para ler um livro, a não ser quando **ESCOLHEMOS** nos esconder de NÓS MESMOS, por um tolo medo de, vendo-se descoberto por si mesmo, ter que realizar o movimento de correção. Bem, a essa altura, se você agir assim, eu já posso lhe perguntar: por que é que você gosta tanto da infelicidade?

A salvação é o conhecimento. A cura é realizada por você mesmo. E tudo isso está tão perto quanto a sua vontade **QUEIRA**. Essa é a mensagem: para fazer melhores escolhas, você precisa **ENTENDER** como funciona a Lei.

Ótimos novos dias para você.